

Ulysses propõe 'armistício' entre Constituinte e governo

Lula Marques

Da Sucursal de Brasília

Em tom conciliador, o deputado Ulysses Guimarães, 71, propôs ontem "um armistício" nas relações entre o Congresso constituinte e o governo Sarney. Foi sua resposta à "Conversa ao Pé do Rádio" da véspera, em que o presidente Sarney atacou os políticos, os partidos e, sem citar nomes, disse que pessoas ou grupos estariam querendo "incendiar o país".

"Devemos criar um armistício no sentido de que o governo possa governar e a Constituinte possa trabalhar e elaborar a Constituição. Devemos criar um ambiente de compreensão para que a Constituinte, principalmente, chegue ao fim", disse Ulysses, presidente do Congresso constituinte, do PMDB e da Câmara.

"Relacionamento construtivo"

Sempre resguardando a figura de Sarney, Ulysses disse que "o relacionamento entre governo e a Constituinte deve ser construtivo. Mesmo quando haja críticas, que elas sejam construtivas". Ulysses fez as declarações em entrevista coletiva ontem de manhã, depois da sessão do Congresso constituinte (suspensa por falta de quórum).

"Estou certo de que este é o propósito do presidente Sarney e também o meu propósito, como presidente da Constituinte. Não aproveita a ninguém se criar um relacionamento turvo, difícil, áspero. Isso não beneficia a ninguém e sei que os brasileiros bem intencionados e, estou certo, o próprio presidente Sarney falam neste sentido", acrescentou o deputado.

Aparentando calma, voz baixa, Ulysses respondeu também à declaração do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que o acusou de "estar fazendo uma Constituição para ele (Ulysses), não para o país". Ulysses disse apenas: "Eu converso com todos os setores, procuro ser apenas o árbitro" e entrou em seu gabinete.

"Zerar o governo"

Sem quórum, a sessão de ontem, em grande parte, foi tomada por discursos de crítica ao presidente Sarney e ao governo. O deputado Vítor Faccioni (PDS-RS) disse que "é preciso zerar este governo que não combate os corruptos, não a Constituinte" — uma referência à sugestão do ministro Antônio Carlos Magalhães de zerar o Congresso constituinte, substituindo o atual texto em debate pela Constituição de 46 ou por outro feito por uma comissão de especialistas.

O deputado Haroldo Lima (PC do B-BA) acusou Sarney de "pregoeiro da desgraça". A deputada Beth Azize (PSB-AM) sugeriu "cassar" o programa "Conversa ao Pé do Rádio". O deputado Brandão Monteiro (RJ), líder do PDT, disse que

"o presidente da República está conspirando contra as instituições, ameaçando inclusive com um golpe de Estado, e suas declarações de ontem já são passíveis de enquadrá-lo por crime de responsabilidade".

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) dirigiu um protesto a Ulysses Guimarães, que presidia a sessão. Disse que o horário destinado ao pronunciamento das lideranças não poderia estar sendo usado para críticas ao governo mas somente para temas constitucionais.

Pelos corredores, as críticas continuaram. O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), líder no Senado, disse que "a crise não é gerada por nós (pelos constituintes), a crise é de governo". E acrescentou: "O presidente Sarney tem a responsabilidade de chamar à atenção os ministros que estão exorbitando de suas funções e se auto-proclamando censores da Constituinte (referência a Antônio Carlos Magalhães)".

O deputado Paulo Delgado (PT-SP) foi irônico, ao citar a "Conversa ao Pé do Rádio" de anteontem. "Isso aqui é coisa de divã, de psicanalista."



O presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, caminha pelo jardim do Congresso Nacional

Em São Paulo, Quércia defende o deputado

Da Reportagem Local
e da Redação

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, disse ontem pela manhã, durante a inauguração de obras viárias na zona leste paulistana, que não concorda com a afirmação do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, de que o presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, esta-

ria fazendo uma Constituição para si "e não para o povo". "Não concordo com isso. O deputado Ulysses é um brasileiro excepcional, tem uma liderança política respeitada e respeitável e muita preocupação em apressar a Constituinte, de forma que nós e o povo temos as melhores considerações com relação a sua postura firme, decidida e independente", disse.

Quércia disse não acreditar que Ulysses estaria sofrendo pressões para não concluir a nova Constituição. Entretanto, para o governador, todo tipo de pressão é legítima na política, menos a pressão física. Quércia disse que em seu último encontro com o deputado pode sentir que Ulysses está trabalhando para apressar os trabalhos e que, mesmo sob pressões, a Constituinte tem de ser respeitada por sua soberania.